

A PROPOSTA DE NORMAN FAIRCLOUGH COMO FERRAMENTA PARA UMA LEITURA CRÍTICA¹

NORMAN FAIRCLOUGH'S PROPOSAL AS A TOOL FOR A CRITICAL READING

José Adriano de Oliveira²
Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO: Este artigo se embasa na proposta da Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough, com a intenção de aprimorar a noção de leitura crítica dos textos que circulam em sociedade, por exemplo, uma reportagem do *site* UOL. Para tanto, será feita uma recuperação da teoria de Halliday e depois uma leitura da prática social e discursiva de Fairclough, como formas de compreensão do processo de produção e escrita dos textos que integram as opiniões sociais.
Palavras-chave: Discurso. Reportagem. Texto. Leitura.

ABSTRACT: This article is based on the proposal of Critical Discourse Analysis, by Norman Fairclough, with the intention of improving the notion of critical reading of texts that circulate in society, for example, a report on the UOL website. To do so, a recovery of Halliday's theory will be made and then a reading of Fairclough's social and discursive practice as ways of understanding the production, and writing process of texts that integrate social opinions.

Keywords: Speech. Report. Text. Reading.

Introdução

A formação de um leitor crítico passa por elementos básicos da própria leitura e escrita, mas que não são lidos e compreendidos como almejado. Nenhuma comunicação é neutra porque toda produção textual (oral ou escrita) é feita por alguém, em um dado momento, que pensa com base em sua própria cultura e lê de acordo com suas convicções e crenças.

Uma das maiores dificuldades no ensino de textualidade e compreensão é como olhar o texto e ler o universo que nele se encontra, isso engloba a capacidade de ler além das palavras, de ler a linha em branco, de ler o não dito, de procurar o implícito e entender se o explícito também não carrega outros implícitos. Nas palavras de Platão e Fiorini (2005, p. 177), “Não há texto que não reflita o seu tempo e o seu lugar. Cabe lembrar, no

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Endereço eletrônico: Oliveira, José Adriano de

entanto, que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade”, pois todo leitor crítico, durante sua trajetória leitora, deve inquietar-se perante as diversas manifestações com que uma produção textual o obrigue a conviver durante e depois da leitura, ou seja, a leitura deve ser crítica para que ocorra uma desestabilização no compilado de leituras já adquirido.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Michel Halliday (1994), contribuiu para uma observância que não se reserva apenas ao fator discursivo isoladamente, mas também à análise semiótica, pois olha a linguagem em todas as suas manifestações. Diferente da linguística tradicional, que concebia apenas a estrutura como fonte de análise, a LSF propõe uma visão voltada às escolhas feitas com base nas necessidades do sujeito em um dado momento, diante de um fato, assim, essa maneira de olhar o texto fornece os significados e não apenas as estruturas.

Norman Fairclough (2001; 2003) ampliou a proposta de Halliday e concebeu a leitura sob a prática do discurso social em três momentos: discurso como item da atividade social, discurso enquanto representação social e discurso como constituição de identidade, ou seja, a análise externa com mais categorias. Essa proposição foi utilizada em uma entrevista jornalística com o intuito de demonstrar como se dá a construção de uma leitura crítica, por meio de um sujeito consciente das práticas que o formam e que constituem o ambiente lido por ele.

Frente aos inúmeros fatos noticiados corriqueiramente, é indispensável promover a conscientização do alfabetizado que lê, mas não critica; seleciona o texto, mas não possui habilidades. Isso agrega cada vez mais consumidores de informação a serviço das ideologias dominantes e, muitas vezes, desconhecidas.

A proposta de Halliday

Halliday desenvolveu uma abordagem sistêmico-funcional da linguagem. Nessa abordagem, é possível, por meio do significado dos elementos linguísticos, compreender o contexto em que ela é usada e identificar os valores e as posições sociais assumidas diante de um interesse.

No uso da língua, ocorre a troca dos significados. Para Halliday, há três momentos em que isso é estruturado: o ideacional, que representa a nossa experiência; o interpessoal, que representa o significado no contexto de uso; e o textual, que revela o modo como a

mensagem foi construída, e isso decorre da realidade social e cultural em que o discurso ocorre. Segundo o autor, são metafunções que acontecem ao mesmo tempo na construção linguística.

A perspectiva gramatical desse autor investiga como o repertório linguístico é selecionado, justificando, assim, a base sistêmica. Diferentemente das concepções estruturalista e racionalista em que a língua é vista predominantemente baseada na estrutura gramatical.

Na construção do texto, há a elaboração dos significados. Quando se coloca um termo, que pode passar despercebido durante a leitura, é colocada também uma série de representações, assim Halliday (1989, p. 23) afirma:

The meanings are woven together in a very dense fabric in such a way that, to understand them, we do not look separately at its different parts; rather, we look at the whole thing simultaneously from a number of different angles, each perspective contributing towards the total interpretation.

Desse modo, é possível compreender a necessidade de uma reeducação no sentido de leitura e visão ampla diante de um texto. Assim, ao olhar a teia de informações que constroem um texto será possível extrair as principais motivações e os anseios do contexto em que é distribuído.

A linguagem evolui e atende aos desejos de uma intencionalidade que ultrapassa o termo analisado de forma isolada. A tradição de analisar o discurso pela desvinculação do contexto não atende ao que a língua requer naquele fato ou descrição. A amplitude do significado não suporta uma leitura reduzida, exige conscientização e desdobramentos.

A visão de Halliday considera que o texto é formado por elementos que edificam um todo, que necessita de uma estruturação de acordo com a realidade configurada (a gramática). Desse modo, a análise textual não está apenas para a realidade interna do texto, mas também para a externa, local em que o texto ganha significado.

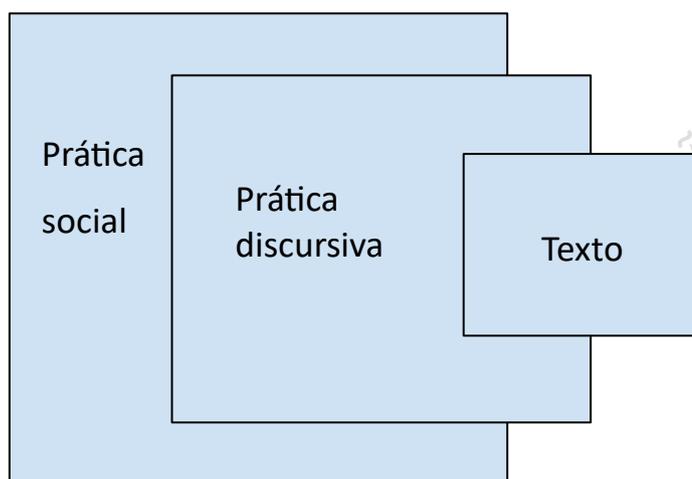
A ampliação feita por Fairclough

Norman Fairclough (2001; 2003) propõe a leitura sob a prática do discurso social, ou seja, o texto está vinculado às práticas sociais em que o sujeito está inserido. Assim, as ideias de poder, de lugares, de contextos e de perspectivas só podem ser lidas em um texto se houver uma ampliação desses aspectos:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

A proposta de analisar o texto, a prática discursiva e a prática social, conforme exemplificado na Figura 1, compreendem o método do autor, que são vistas de forma conjunta no discurso, mas separadas de acordo com as perspectivas.

Figura 1 – Representação tridimensional do discurso



Fonte: FAIRCLOUGH, 2001

O texto como discurso representa a “armação” das ideias que serão depois distribuídas e consumidas. No texto, é possível encontrar a motivação de uma notícia, que nasce baseada no comentário de um jornalista ou na legenda de uma fotografia que foi colocada dependendo do interesse de quem a produziu e não do autor do retrato. Isso confirma que os textos não são precisos porque os responsáveis pela elaboração os reduzem de acordo com o intuito de sua produção.

Em relação ao fator textual, no aspecto gramatical, por exemplo, a voz passiva pode ser construída para denotar a isenção da responsabilidade ou uma sugestão discreta da presença do autor; no aspecto do vocabulário, é possível identificar que os verbetes, presentes em um determinado dicionário, correspondem ao domínio da ideologia vigente, o que sugere uma concorrência entre as palavras. A coesão, aspecto que se forma partindo

dos dois anteriores, utiliza termos que ajudam a construir o corpo textual, as partes, por menores que sejam, ganham identidade e voz ao se unirem; essa união é também deliberada, pois está presente desde a ideia primeira da formação de um texto. A elipse, por exemplo, leva o leitor a formular um conteúdo que é silenciado em palavras, mas dito em contextos. É sugestiva, porém cortês ao leitor, o que facilita a difusão de um pensamento ou ação prestigiados. Por fim, a estrutura textual é apuração de todos os elementos que envolvem o fator textual e que se concretiza para a distribuição e para o consumo em sociedade, como afirma Fairclough (2001, p. 106):

‘Estrutura textual’ também diz respeito à ‘arquitetura’ dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento de diferentes tipos de texto: por exemplo, as maneiras e a ordem em que os elementos ou episódios são combinados para construir uma reportagem policial no jornal, ou uma entrevista para emprego.

Há outros exemplos de estruturas corriqueiras que podem melhor ilustrar essa breve passagem. Como se justifica que o produto final não seja simplesmente mera organização que atende aos preceitos de um determinado gênero inserido em uma ocasião, todavia a lógica motivadora que permite uma certa estrutura textual (texto como produto) cair em nossas realidades e difundir as sementes que foram semeadas por meio das palavras.

A prática discursiva é a logística que o texto necessita para atingir seu objetivo enquanto objeto a ser consumido. Tanto o consumo como a produção de textos podem ocorrer no individual ou no coletivo. De acordo com Fairclough (2001), um artigo de jornal é produzido em diversas rotinas, os que buscam a fonte, os que as transformam, os locais e a edição do jornal, tudo em comunhão com a intenção primária que repercute de e para a prática no social.

Os textos têm a habilidade de consagrar fatos, conciliar estágios históricos ou reanimar ideias passadas. Podem alterar “verdades” ligadas ao contexto da organização humana, como a religião e as concepções de família. Esses pontos são compreendidos pela intertextualidade porque é o local em que se realizam as inferências durante a leitura. É o espaço a que o leitor traz outras leituras para a consciência do que agora está na sua frente, pois “intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p.114).

A título de exemplificação, há textos históricos que passam a ser reformulados de acordo com o interesse vigente. A ideia da soberania do homem dentro da família

tradicional (fato que ilustra a realidade até pouco tempo) hoje não é vista como outrora, porém pode vir traduzida pela ideia de segurança no seio familiar por causa da adequação a alguns tipos de trabalho, por exemplo. Nessa ótica, pode-se assimilar que as ações são norteadas pela perspectiva em uma época, e por um momento dentro da história, traduzindo sempre uma orientação determinada – a palavra “pai” é compreendida como criador dentro da perspectiva judaico-cristã, mas essa mesma palavra é vista com desafeto nos inúmeros processos judiciais relacionados à paternidade – o que a prática discursiva permite é a maturidade em compreender que as produções exigem análises específicas por conterem um intrincado conjunto de condições.

A definição de discurso como prática social está imbricada tanto na ideologia quanto na hegemonia. Na formação social, não é possível compreender o discurso sem antes vê-lo como produto desses dois fatores.

A ideologia existe nas práticas das instituições que produzem os discursos, de modo que o sujeito seja abordado por meio de uma determinada definição superior. Desse mecanismo, é instaurado o senso comum – por exemplo – quando se cria um objeto para manusear o celular enquanto motorista e isso torna a comunicação “segura”, é a instauração de uma ideia que não se reflete de modo apropriado porque abordou as necessidades do sujeito motorista e mostrou-se eficiente, desde então esse objeto torna-se objeto indispensável para alguns motoristas. Contudo, a proposta de Fairclough não se limita a compreender o conceito ideológico como definitivo e imutável, para o autor, essa concepção althusseriana deprecia a capacidade de o sujeito operar tanto individual como coletivamente. A ideia do autor é que o sujeito pode ser estabelecido de acordo com a ideologia, portanto, ainda é agente frente ao que lhe é proposto, de modo que possa então reestruturar suas práticas.

As reflexões promovidas pela linguagem são os alicerces da atitude crítica que leva a uma reestruturação de ações sedimentadas no tempo e no espaço do sujeito: “O equilíbrio entre o sujeito ‘efeito’ ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p.121).

Leitura crítica como ferramenta para uma leitura autônoma

Duas perguntas devem nortear essa circunstância: o que é uma leitura crítica? Como a leitura crítica forma a autonomia leitora? Embora pareça fácil discutir a relação

entre as duas indagações, nem sempre é visível e eficiente o modo como essa prática é aplicada ou direcionada.

O emaranhado de informações que rege os possíveis saberes atuais concentra-se, em sua maioria, no mundo digital: informações bancárias; de venda e locação; saúde; estética; religião; educação; política; agronegócio, enfim, há uma crescente exploração desse meio por inúmeros contextos de uso das pessoas em sociedade. Isso tudo é positivo, democrático e, acima de tudo, ágil. As informações nesses ambientes contêm aspectos direcionados ao interesse coletivo, mas a arquitetura linguística é mercantil e “pronta”, pois ao mesmo tempo em que o meio digital favorece um leque amplo de possibilidades – direcionadas a um objetivo único e que tem uma intencionalidade anterior – também alimenta a insuficiência informativa resultante dessa rapidez textual.

Cultura de massa x cultura de conhecimento

Toda relação que os sujeitos estabelecem entre si e com o meio em que fazem a própria história pode ser entendida como cultura, o que permite a construção de sua identidade. De acordo com Blackburn (1997, p. 85), a cultura é:

O modo de vida de um povo, em que se incluem suas atitudes, valores, crenças, artes, ciências, modos de percepção e hábitos de pensamento e de ação. As características culturais das formas de vida são aprendidas, porém muitas vezes são demasiado abrangentes para serem facilmente detectáveis a partir de seu interior.

Como o autor designa cultura, é possível entender o modelo em que ela também é enquadrada dentro de perspectivas linguísticas. Na informação midiática, há essa estrutura de crenças, valores e hábitos de pensamento na elaboração dos conteúdos, de modo que tudo esteja unificado e que não cause estranhamento para um consumo esperado pela intenção primeira.

A cultura do conhecimento é relacionada ao saber enciclopédico. Cabe destacar que a referência “enciclopédico”, nesse contexto, não se limita a um tipo de fonte, acervo, autor ou literaturas específicas – que é a fisionomia do conhecimento construída por meio do indivíduo –, a construção desse saber parte do indivíduo ciente de sua atuação enquanto sujeito e leitor do mundo. “As encenações intertextuais, pelo contrário, são esquemas retóricos e narrativos que fazem parte de um repertório selecionado e restrito de conhecimento que nem todos os membros de uma determinada cultura possuem” (ECO, 1986, p. 66).

As coletas que o sujeito faz no decorrer de sua atuação enquanto leitor são amplas, mas podem ser reduzidas. Isso implica leitores que buscam leituras que os questionam e leituras que os desestruturam em suas conveniências. “A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p.13). Assim, Paulo Freire clarifica o processo de leitura do todo que envolve o leitor de um modo didático dependente da maneira como o sinônimo de uma expressão é lido ou relido pelo sujeito. A compreensão não pode ser delegada a um grupo, a uma política exclusiva ou a um pensamento e engendrar leituras de acordo com as intenções dominantes, mas deve quebrar a escravidão mantida por esses domínios.

Tanto Paulo Freire como Norman Fairclough instigam a promoção de um despertar que não está apenas na realidade avaliativa do período formativo do sujeito, mas deve ter início nesse momento e dilatar-se por todas as vivências vindouras. O momento da formação escolar deve capacitar cada indivíduo para que todas as bases do conhecimento humano sejam interpeladas por uma leitura crítica e ao mesmo tempo autônoma. Lê-se não só o sugerido, mas também aquilo que dilata o proposto, amplia e possibilita revisões no presente e no futuro.

Texto para análise

Mãe de Lázaro sobre filho: ‘Não tenho culpa. Era um menino bom, ia na igreja’³

Em entrevista ao Universa, do UOL, Eva Maria, de 53 anos, mãe do serial killer Lázaro Barbosa, afirmou que nunca faltou amor em casa.

“Ele era um menino bom, me acompanhava na igreja evangélica e dava flores no Dia das Mães”, descreveu Eva Maria referindo-se ao primogênito.

A mãe de Lázaro também disse que gostaria de pedir perdão aos familiares das vítimas do filho. “Eu queria conversar com eles, num primeiro momento, para pedir perdão. Perdão. Só perdão”, afirmou.

Hoje, Eva vive isolada dentro de casa junto ao marido, torcendo pelo resgate do filho. Vivo. “Temo pela vida dele. Quero que ele seja preso para explicar o que aconteceu. E vou continuar ao lado dele, porque, para mim, ele nunca foi ruim, nunca levantou a mão. No Dia das Mães me dava flores. É bom

³ Mãe de Lázaro sobre filho: “Não tenho culpa. Era um menino bom, ia na igreja“. *Isto é*, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/mae-de-lazaro-sobre-filho-nao-tenho-culpa-era-um-menino-bom-ia-na-igreja/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

marido, bom pai. Não sei por que isso está acontecendo, mas ficarei ao lado dele”, finalizou.

O texto acima é uma notícia que deu visibilidade ao depoimento materno de Eva Maria, mãe de Lázaro Barbosa, no período anterior a sua prisão e morte. É um texto que nos auxilia na compreensão de todo o conteúdo abordado anteriormente. A proposta da leitura crítica, baseada na teoria de Fairclough, será usada nas três etapas: função ideacional, função relacional e interpessoal e função textual e relacional.

Análise de conteúdo

Na análise textual, a ordem dos enunciados já permite ler de maneira crítica o tema/rema da ideologia que maneja a matéria “Mãe de Lázaro sobre filho: ‘Não tenho culpa. Era um menino bom, ia na igreja’”. “Mãe de Lázaro” indica o tema de todo o conteúdo que será desdobrado. Em meio a tantas interpretações do Estado e da mídia, esse conteúdo aborda o assunto do ponto de vista do tema “mãe”, o que gera curiosidade e comoção. O rema, que é a predição (informação do tema), aponta para a não convivência com o fato, pois, no senso comum, há a dedução de amenização por parte das mães de crimes praticados por filhos. A voz ativa também explicita a figura de autoridade da mãe, que fez sua parte em relação ao filho. A palavra “culpa”, usada entre o ator e o objeto, sugere quem pratica e quem recebe a ação, de modo que a figura maternal está isenta de julgamentos pela prática posterior anunciada.

Outro aspecto que quebra expectativas é a parte do rema “ia na igreja”, o que imprime um déficit para o filho, pois a religião pode moldar o caráter, coisa que foi ofertada pela mãe. O uso da preposição “na”, que liga o verbo “ia” ao substantivo “igreja”, foi mantido com o intuito de também denunciar, de modo velado, a falta de instrução de pessoas simples, contudo fiéis às práticas religiosas. Não há a utilização de pronomes no título, pois o substantivo “menino” concentra toda a informação, assim o autor relaciona a inocência com o instinto maternal, valorizando o olhar da mãe.

No título, a estrutura textual manifesta a intenção do comentarista da notícia. Isso norteia a prática discursiva mantendo a figura da mãe como sujeito à parte, fora da ação do filho, de modo que sua atuação não seja questionada, como prefere uma parcela da população.

Na lide da reportagem, o termo “serial killer” foi usado pelo autor como adjetivo dado em contraposição ao termo “menino bom”, usado no título. Nesse aspecto, o significado representacional é uma ferramenta para identificarmos como as pessoas são representadas no discurso por meio do léxico e da ordem das informações. O termo “amor” aparece na sequência, implicando novamente a formação subversiva do fato, o que demonstra a intenção do autor de não desconstruir a ideia de religião e vínculo familiar com a boa atuação dos sujeitos em sociedade.

“Ele era um menino bom, me acompanhava na igreja evangélica e dava flores no Dia das Mães”, os termos “bom”, “igreja evangélica” e “flores”, na estrutura textual, por meio do léxico, constroem a prática discursiva. Tal prática revela o interesse do autor em frisar a questão ideológica esperada pela estrutura familiar. Na prática social, tais termos expressam uma ideologia presente nas interpelações do sujeito e suas ações.

“A mãe de Lázaro também disse que gostaria de pedir perdão aos familiares das vítimas do filho. ‘Eu queria conversar com eles, num primeiro momento, para pedir perdão. Perdão. Só perdão’”. O substantivo “mãe”, que percorre todo o texto, expõe a intencionalidade de se avaliar o fato por essa ótica, e “Lázaro” é colocado após. Nesse sentido, a construção ator/objeto e atividade permite a compreensão do processo proposto pela ACD de Fairclough, ou seja, de acordo com as condições socio-históricas, a ordem em que a informação é exposta transmite as relações estabelecidas e a maneira como o autor superestima a estrutura familiar.

Os verbos “gostaria”/“queria”, no futuro do pretérito do indicativo, criam uma expectativa por ser a mãe diante de um público comovido por meio da narrativa de um filho que ia à igreja e era um menino bom. Já os verbos “conversar”/“pedir”, no infinitivo, apresentam uma proposta para que o fato ocorra, independente do momento. O substantivo “perdão”, exaltado três vezes, leva o leitor a dar reconhecimento à dor da mãe e sua ênfase em acenar para que ela ocupe o lugar do filho diante de futuros julgamentos.

“Hoje, Eva vive isolada dentro de casa junto ao marido, torcendo pelo resgate do filho. Vivo. ‘Temo pela vida dele. Quero que ele seja preso para explicar o que aconteceu. E vou continuar ao lado dele, porque, para mim, ele nunca foi ruim, nunca levantou a mão. No Dia das Mães me dava flores. É bom marido, bom pai. Não sei por que isso está acontecendo, mas ficarei ao lado dele’”. A entrevista traz o nome “Eva”, na conclusão, com a intenção de destacar que, além de mãe, também cumpre seu papel de esposa. É identificada num contexto em que a figura feminina exerce funções domésticas de modo

único, privilegiando tais práticas. Numa análise social, a ideologia vigente resume toda a perspectiva da entrevista, colocando a figura da mãe como protetora e, ao mesmo tempo, submissa ao marido.

A coesão da última parte acontece por meio dos verbos “temo”, “quero” “e vou”, no presente do indicativo, facilitando a identificação ideológica que está por trás de todo o fato, sugerindo uma antecipação da realidade do acusado, de perdão e de acolhida. “Bom marido”, “bom pai”, o adjetivo que antecede os substantivos “marido” e “pai” permite a compreensão da estrutura textual como um todo, pois o filho, o marido e o pai assumem posições de respeito, culto ao conceito patriarcal, valorizado pela estrutura familiar tradicional.

Conclusão

Esse artigo teve a intenção de contribuir para as reflexões acerca da leitura crítica, que tem demonstrado ser uma necessidade urgente devido à precariedade no ensino de leitura e compreensão de textos.

A referenciação teórica foi embasada na proposta de Norman Fairclough, que ampliou os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, como principal mecanismo de ensino e prática da leitura crítica.

A entrevista jornalística foi selecionada para análise por ser de um ambiente midiático, o que configura diversas práticas e incorporações sobre a linguagem, permitindo uma análise mais eficiente e breve sobre as narrativas que são mais atuantes na vida social dos sujeitos. É diante desse fato que o trabalho buscou questionar, ampliar e demonstrar como a Análise Crítica do Discurso propõe mudanças e atitudes que envolvem não somente a discussão interna de leituras, mas suas exterioridades, que revelam o contexto e as imbricações reprodutivas.

Referências

- ANGLO. *Ensino médio*: livro-texto. São Paulo: Anglo, 2005.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Tradução de Desidério Murcho. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. Corpus studies and probabilistic grammar. In: K. AIJMER; B. ALTENBERG (org.). *English corpus linguistics: studies in honour of Jan Svartvik*. London: Longman, 1991.

HALLIDAY, M.A. K; HASAN, Ruqaiya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267